

AS UNIVERSIDADES POPULARES

A vida da humanidade, para o homem que sente, tem facetas bem desoladoras.

Constatamos que os potentados do mundo teem empregado a sua actividade em fazerem mal lançando os indivíduos uns de encontro aos outros, cogitando nos melhores meios de esse mal ser o maior e o mais rapido, e o mais aterrador e pungente; verificarmos que alguns outros homens consomem o seu tempo, o melhor da sua intelligência e muitas vezes a sua fortuna, concebendo e fabricando engenhos mortíferos cada vez mais poderosos, mais nocivos e de maior amplitude da sua acção devastadora; notarmos que estes e aqueles se aliam num pacto tenebroso e maldito com o fim de espalharem a morte e a desgraça pelos que os mantem, é caso para desesperarmos da existência e abominarmos a hora em que a natureza poz, sob a influencia das suas leis, uns juntos dos outros, todos os elementos sólidos, líquidos e gazosos, dozeando-os convenientemente para que em dado momento, numa combinação química, num arranjo molecular mui especial, apparecessem os entes orgulhosos e cheios de vaidade que certos homens são!

Felizmente nem todos são assim; nem todos são cruéis, egoístas e ferozes no seu culto ao Poder, ao Domínio, ao Bezerro de Ouro.

Felizmente uma grande falange de homens de coração pensam nos sofrimentos de seus irmãos. Há mentalidades elevadas que sentem onde está o mal e vêem que a razão de poderem uns homens subjugar a outros estorquindo deles os meios de vida propria sem dispenderem o mínimo esforço nem se importarem dos males das desgraças que dessa estorço advêm para os espoliados, está na falta duma educação bastante forte e sadia que elucide o cérebro e depure o sentimento das massas subjugadas. E porque há essas mentalidades, nós assistimos ao grande afan em que elas se empenham, derramando o saber pelo povo, espargindo a luz da sciencia pelos cérebros obscurecidos dos trabalhadores, esclarecendo-lhes as ideias, sublimando-lhes a moral, numa constancia de acção admirável, norteadas pela fé da vitória final, desprezando os ataques do obscurantismo, superiores às críticas acintosas tendentes a dificultar-lhes a marcha gloriosa, ligando uma importância mínima a questões de ordem material, privando-se do próprio conforto, do próprio repouso, não um dia, mas dias, meses, anos, toda a vida dedicada a esta cruzada benemérita e heroica.

Quando, pela primeira vez, assisti, como componente, a uma sessão do Conselho Administrativo de certa instituição, não pude esquivar-me a estabelecêr, no fôro da minha consciencia, o confronto entre esses tais que se servem do poder para esmagar os seus semelhantes; esses tais que queimam as pestanas, torturam o cérebro, passam as noites em vigília perseguindo uma ideia, um estudo, um plano do qual há de sair uma ou inúmeras calamidades para os povos, sob o pretexto de patriotismo ou outro qualquer de resultados semelhantes, dividindo os homens, marcando fronteiras, alimentando ódios e semeando fartamente a desgraça, — não pude deixar de pôr em confronto, dizia eu, esses tais com aquele grupo de homens de saber, de professores eminentes, de cotados doutores e até —; como isto consola! — e até operarios com certa cultura, todos comungando no mesmo ideal levantado e entregando-se ao grave e delicado problema de educar a massa trabalhadora, mas ignorante, procurando acender nas trevas do espírito dela um luzeiro redentor que lhe descubra um futuro de liberdade e de bem-estar, de justiça e de beleza!

Ali, num modesto gabinete, aqueles homens utilizavam as horas livres dos seus deveres profissionais, não em descansar ou divertir, não em cavaco banal ou em passeio higiénico! Não! Aqueles homens achavam ainda cêdo para repousarem e ei-los entregues de alma e coração a esta bela tarefa: construir o futuro! E isto faziam talvez no mesmo momento em que os outros estavam

conchavando o crime sob a capa da *civilização dos povos* *atrazados e do direito das gentes!*

As Universidades Populares são realmente o meio mais proficuo de derramar os conhecimentos úteis e de levantar o caracter, enobrecendo os homens. Desprezando fronteiras, estabelecem a comunidade dos povos. Demolindo preconceitos, põem em contacto os ignorantes com sábios, os trabalhadores de braço com os trabalhadores de cerebro, sem que entre eles haja esse espirito de classe a diferenciá-los ou a colocar uns e outros numa situação irreductivel ou agressiva que os não deixa *à vontade* e os embaraça. Ali é que se realiza a aproximação eficaz dos intelectuais e dos operários. Ali aprendem a conhecer-se uns aos outros e a apreciar os valores recíprocos. As Universidades Populares, quando norteadas pelos seus objectivos *iniciais*, são os institutos que o operariado pode frequentar sem prejuizo da sua ideologia própria e onde pôde adquirir a sciencia que tão precisa lhe é para a luta social. Ali se moralizam insensivelmente os costumes e se realiza essa comunhão de ideias a que os espiritos nobres, quer do elemento operário como de entre os chamados intellectuais, tanto aspiram.

¿Onde brotou primeiramente esta concepção genial e altruística das Universidades Populares? ¿Qual a sua causa primária?

E' para mim difficil responder a estas perguntas, se não é uma impossivel.

Creio-a uma natural consequência dessa corrente social que vem da compreensão que o operariado teve da sua necessidade de conhecer a sciencia e de manejar as armas do saber a fim de poder conquistar o seu lugar na sociedade onde o seu esforço é condição primacial de existência. Dessa corrente derivam o cooperativismo, o sindicalismo, a organização de partidos operários, toda uma legislação especial do trabalho e as instituições universitárias de caracter popular.

Não se conclua, porém, disto, que a origem primordial destas últimas esteja no que acaba de ler-se. Tão certo é as fases do progresso se filiarem umas nas outras e que, pretendendo investigar as causas primárias de tal ou tal fenómeno, recuando de causa em causa nunca atingiríamos o fim, que pelo que respeita às Universidades Populares nos perderíamos no infinito se quisessemos averiguar da sua inicial razão de ser.

¿Aquela comuna de Montreuil anelando por uma era de justiça e de paz, vivendo ou procurando viver em completo comunismo, permutando gratuitamente os seus produtos, representaria a primeira pedra para o futuro edificio da instituição universitária popular?

Talvez! mas nesse caso, para sermos mais rectos no juizo, deveríamos meter em linha de conta as perseguições ferozes de que os seus membros foram vítimas após o atentado Carnot bem como outros agrupamentos similares. ¿Quem pode garantir que essas perseguições não concorreram involuntariamente, é certo, para que o instituto Universidade Popular fôsse um facto?

Acossados como feras, vagueando isolados, mas cheios de ideal e de fé, esses comunistas, frequentando as tabernas e os cafés cantantes, tornados apóstolos da sua ideia de redenção e de amor, prégando, disseminando a sciencia, filosofando sobre questões sociais, a política, a arte, e não terão, em certo modo, lançado a semente de que deveriam brotar, mais tarde, as Universidades Populares? Não terão estas, em França, a sua raiz naquella folha volante à qual o seu autor, que era também o seu tipógrafo e o seu distribuidor, pôs o nome de «Cooperation des Idées»?

Da tenacidade dêste tipógrafo, da fé daqueles escorraçados comunistas que, mau grado as vexações de que foram alvo, conseguiram reunir-se novamente, resultaram as «Soirées Ouvrières» cuja orientação era talvez inspirada no espírito de Fourier, de Stirner, de Proudhon, etc.

Aquelas «Soirées Ouvrières» foram talvez a primeira

Universidade Popular; pelo menos uma das que, em França, mais se impõem ao estudioso.

O escôpo d'êste instituto era a educação como base do resgate do futuro, da criação da Sociedade Nova. Curaram-se ali línguas, arte social; fizeram-se consultas médicas, jurídicas e económicas; organizaram-se mutualidades, cooperativas, excursões; instalou-se uma biblioteca, um museu, um gabinete de leitura; etc., etc.

Não foi sem luta, dissabôres, inimizades, perseguições, vexames que o instituto vingou sair, por assim dizer, incólume. Bastará recordar que se atravessava, então, a época em que estalou a questão Dreyfus.

Pensadores, artistas, poetas, filósofos, como Zola, Anatole France, Duclaux Tailhade, Séailles vieram dar o seu contingente de saber, aproximando-se do povo trabalhador.

A instituição progrediu, mau grado a procela político-religiosa que a sacudiu; e, em 1899, transformava-se na Société des Universités Populaires. Cumulativamente o dinheiro afluía e, após esforços constantes, na rua do Arrabalde de Santo António, ostentava-se a primeira Universidade Popular francesa.

Em Inglaterra e nos Estados Unidos, talvez mesmo antes da França, se pensou em universidades populares, no intuito de dilatarem até ao conhecimento do povo o que até ali era apanágio da casta privilegiada — a ciência, filosofia social, etc. Daqui a designação de «University Extension».

Na Áustria houve também qualquer idéa semelhante. Mas na Polónia, na Itália e na Bélgica foi onde mais se evidenciou a influência da França.

Na Polónia, por exemplo, a vida da Universidade Popular Adam Mickiewicz salientou-se como das mais brilhantes em esforço produzido. Teve bastantes filiais. Edição de brochuras, pequenas obras populares, palestras ou preleções públicas com projecções luminosas, conferências nas associações operárias, escola noturna para adultos, cursos, veladas para os centros operários, bibliotecas móveis, etc., tal era a actividade educativa desta instituição.

Em Portugal a Universidade Popular Portuguesa, se fôr orientada por um ideal superior de liberdade, mais ou menos seguindo um programa de verdadeiro alcance social, diligenciando sempre pôr-se em contacto íntimo com o meio operário, nunca descurando de o convidar a ir banhar-se na luz da ciência sã e redentora que ali se propagar, independentemente da restante acção que irradiar por tôdas as associações operárias com as quais está em relação, poderá fazer obra de altíssima utilidade para os trabalhadores. ¿Fá-lo-há?

A Academia de Estudos Livres, o instituto popular d'êste género mais antigo, tem uma brilhante folha de serviços prestados à boa causa da educação popular; e seguindo-lhe as pegadas, no afan generoso de dilatar, por tôdas as formas, a educação sã entre o povo trabalhador, têm-se fundado, como é sabido, outros institutos semelhantes nos fins e meios como as Universidades Livres de Lisboa, Porto e Coimbra, procurando realizar o nobre ideal emancipador das classes produtoras. ¿Realizá-o-hão?

José Carlos de Sousa